



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CORPO, VISIBILIDADE E PODER: LEITURAS E RELEITURAS DAS TÉCNICAS DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS ENTRE HOMENS PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO

CHAVES, José Carlos Oliveira
Instituto de Saúde Coletiva – UFBA
zecachv@bol.com.br

INTRODUÇÃO

No campo das novas masculinidades contemporâneas, observa-se a constituição de uma nova postura no universo dos padrões estéticos com a adoração às aparências hipermásculas de corpos esculpidos e malhados conjugada a cuidados que há pouco tempo atrás eram sobretudo femininos, como a utilização de produtos de beleza e a depilação. Ganhou destaque na mídia nos últimos anos a figura do metrossexual, homem urbano de classe média alta que assume o seu lado narcísico e vaidoso, cujos hábitos de consumo vão desde roupas de grife a produtos e tratamentos de beleza e que assim como os praticantes de musculação são obcecados pela aparência externa superficial.

Nesse contexto, pode-se perceber um aparente paradoxo que se ramifica na construção da masculinidade entre os praticantes de musculação. Questiona-se, por exemplo, o que está por trás de um discurso de virilidade e auto-afirmação enquanto homem forte/capaz, mas que ao mesmo tempo traz consigo elementos partilhados e entendidos neste cenário, como novos significados e sentidos? Os adeptos da malhação, além de hipertrofiar seus músculos, cuidam do corpo para além das questões de cunho de saúde, articulando-se com outros modelos de manutenção e ostentação da sua imagem externa. Desse modo, observa-se que este processo de transitoriedade articula elementos complexos, visto que os atores envolvidos rearticulam seus comportamentos de acordo com os referenciais momentâneos.

Desde sempre, como acentua Marzano-Parisoli (2004), um conjunto de técnicas sociais operam sobre o corpo a fim de transformá-lo. Este nunca deixou de ser reflexo de transformações múltiplas, fundadas nos valores e crenças de cada sociedade. Sendo uma imagem cultural modificada, o corpo tornou-se um objeto de tratamento, de manipulação e encenação. Uma imagem domesticada pela sociedade, que permite aos homens e as mulheres viverem no mundo, encontrar, relacionar e interagir com os outros atores sociais. Nesse sentido, é incontestável que a visão que se tem do próprio



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

corpo é diretamente influenciada pela visão do corpo do outro (MALYSSE, 2002). Entretanto, é importante destacar que esta visão deve ser articulada aos valores culturais e, sobretudo, aos valores socioeconômicos. Uma vez que, considerando que essa exibição voluntária e seu valor estético estão marcados em todas as classes o que o corpo representa e os valores atribuídos a ele – de acordo com o contexto – podem sugerir e demarcar peculiaridades distintas.

Garcia (2005) observa que, na sociedade midiática de consumo, o corpo jovem, saudável e malhado passa a fazer parte da regra de como construir campanhas publicitárias eficientes que ressaltem sucesso e fama. Como um instrumento envolvente que estimula, seduz e ajuda no poder de convencimento da mídia, o corpo instiga um jogo erótico em que o fetiche das marcações fálicas fortalece a idéia de uma sociedade falocrática, em que os anúncios inspiram aventura, poder e desejo. Nesse sentido, na circulação dessas imagens estão imbricados estilos de vida e consumo, ou seja, o corpo surgindo como um aglutinador de mensagem.

Nesse sentido, este artigo tem como propósito discutir as mudanças corporais para além do músculo apresentado como instrumento de poder pelos homens adeptos da prática da musculação. Tomo com referência para minhas reflexões as modificações corporais tidas como invasivas e não invasivas e os novos cuidados com o corpo com destaque para a tatuagem, a depilação, o fazer sobrancelhas, o alisamento e tinturas do cabelo.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que originou este inciso privilegiou uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico. Foi realizada em uma academia situada em um bairro popular da cidade de Salvador, cujos habitantes, além da baixa renda per capita são predominantemente negros. A escolha dessa academia foi pautada em experiência anterior adquirida na pesquisa intitulada “Corpo Juventude e Saúde: Atividade física, consumo de suplementos alimentares e anabolizantes entre jovens frequentadores de academias de Salvador”, desenvolvida pelo Instituto de Saúde Coletiva - UFBA. Aqui vale ressaltar que o ingresso nessa academia também foi facilitado pelos agentes comunitários da Aliança de Redução de Danos Fátima Cavalcante (ARD/UFBA).

Utilizei predominantemente a metodologia etnográfica proposta por Loic Wacquant (2002) da “Participação Observante”, ou seja, ao mesmo tempo em que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

observava também “malhava”. Dessa forma, construí as minhas análises a partir do vivido, como Wacquant acentua, “de um vivido sociologicamente construído”. Em outros termos, as impressões, descrições e cenas que minuciosamente orientaram o entendimento da prática em questão foram concebidas através das abordagens e das relações face a face com os sujeitos no seu meio sociocultural. O período que estive em campo, como um todo, correspondeu aproximadamente há um ano e meio, com intervalo de seis meses; no momento que estive ausente procurei atualizar o meu caderno de campo, como também refletir sobre o material até então produzido¹.

A incursão etnográfica teve como pontos importantes: comportamentos, características, representações de masculinidade, saúde e cuidados associados ao corpo. Também serviu para estabelecer um conhecimento básico dos circuitos e ambientes freqüentados pelo grupo-alvo, o recrutamento de entrevistados, como também para estabelecer relações de confiança entre o pesquisador e os sujeitos do estudo. Confiança necessária para a realização das entrevistas em profundidade.

As entrevistas em profundidades foram direcionadas a dois grandes grupos adeptos de musculação: os “fisculturistas/veteranos”, detentores de grande massa muscular e alguns anos de prática de musculação; e os “comuns”, constituído por aqueles que não possuem físico atlético, isto é, os sem capital de competência nem capital corporal (SABINO, 2002). A escolha por esses dois grupos se deu pelo fato de se distinguirem nas academias de musculação de forma hierárquica, respectivamente, os hipermusculosos e os que não têm o corpo hipertrofiado. No decorrer das entrevistas foram levantados, a partir de um roteiro, aspectos que pudessem levar a entender as representações sobre musculação, concepção de saúde, questões identitárias, visão de mundo, dentre outros fatores e aspectos da organização da vida dos sujeitos.

A análise dos dados foi composta de três etapas: análise prévia do material, análise exploratória dos resultados obtidos e interpretação. A análise prévia consistiu na organização, operacionalização e sistematização dos dados produzidos em campo. Esta fase abrangeu a etapa de organização dos dados etnográficos que foram datados e

¹ Como qualquer pesquisa realizada no campo da saúde, o presente estudo cumpriu os requisitos da resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996), que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

catalogados cronologicamente em caderno de campo segundo a ordem das visitas feitas ao local. Posteriormente, no processo de análise mais aprofundado todo o material foi organizado tendo por base os objetivos propostos pelo trabalho. Em seguida, instituiu-se a análise exploratória, que consistiu em codificações e classificações, ordenação das categorias empíricas e êmicas que surgiram do campo. Foram identificados e marcados no texto trechos que revelaram aspectos de valor substancial para esse estudo.

Concluindo, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação consistiram na aplicação de técnicas descritivas de análise. Nesta perspectiva, o cruzamento entre as categorias analíticas tomadas como centrais para o entendimento da problemática em questão, juntamente com a estruturação dos dados produzidos a partir das falas dos interlocutores, estabeleceram-se como elementos fundamentais para o dialogo entre o campo e a literatura.

PARA ALÉM DO MÚSCULO HIPERTROFIADO

Kemp (2005) pontua que na contemporaneidade, fenômenos de modificações corporais associados ao mercado de beleza, chamados “*mainstream*” têm se destacado como recurso da busca da perfeição e da saúde. Esses recursos são encontrados em clínicas de estética e cirurgias plásticas, fortemente organizadas por um mercado da tecnologia e da biomedicina. Ainda na acepção da autora, os seres humanos modificam os seus corpos constantemente, muitas vezes sem se dar conta da ligação e da importância entre essa necessidade e o resto das suas relações sociais. Diante de tais circunstâncias, Kemp observa que nas sociedades contemporâneas essas modificações corporais podem ser caracterizadas em invasivas e não-invasivas. As não-invasivas a se constituir nas modificações que o organismo tenha a necessidade de regenerar, como cortar as unhas, cabelos etc., e as invasivas as que modificam irreversivelmente o corpo como perfurações, cirurgias plásticas, tatuagens, etc.

Nessa perspectiva, pretendo apresentar nos próximos parágrafos as modificações observáveis no universo masculino da cultura da musculação que sobrepõe à estrutura dos músculos. Devo argumentar que o conjunto dessas mudanças, para além das questões identitárias exploradas por muitos autores, no grupo estudado, contrapõe-se como um elemento que se estrutura a partir de um olhar estético. No entanto, também possui representações simbólicas que no decorrer da vida cotidiana incluem elementos interessantes e intrigantes a serem analisados. Sei que muitas das modificações e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

intervenções aqui expressadas não se restringem ao universo da musculação. Entretanto, a análise desse grupo específico pode dar pistas para o entendimento mais englobante dessa “onda” que vem acometendo o universo masculino.

CUIDADOS COM O CORPO

Para iniciar vale explorar entre os praticantes de musculação as mudanças tidas como não invasivas propostas por Kemp (2005). Dessas modificações destacam-se: o fazer sobrancelhas, a depilação, o corte e a tintura do cabelo. Sem sombra de dúvida a que ganha maior destaque no contexto estudado é a depilação. Para os homens adeptos da musculação, a depilação se instala, entre esse conjunto de práticas, como uma das técnicas empregadas que se entrecruzam entre o estético e o higiênico. Nas narrativas de suas experiências os adeptos acentuam que a ausência de pêlos no corpo gera uma maior visibilidade da musculatura trabalhada, e, diante de tal fato, a depilação surge como uma técnica de fundamental importância para a melhor apresentação de si.

Entretanto, ainda em se tratando da importância dessa técnica, chama atenção o propósito da questão higiênica. Os praticantes são categóricos em afirmar que sendo a musculação um esporte que exige do atleta maior transpiração, faz-se necessário a retirada dos pêlos no intuito de evitar o mau cheiro excessivo provocado pelo suor. Nesse sentido, isto que dizer que a aparência de limpeza e asseio estão também incluídos como uma das justificativas que evidenciam a prática da depilação em todo corpo, em especial nas axilas. Assim para se entender todos os questionamentos apresentados por essa técnica, vale apresentar a narrativa de um dos interlocutores:

Faço depilação por que na verdade a gente que malha transpira bastante, eu mesmo transpiro muito, então faço depilação. Por que na verdade quando você tem uma grande quantidade de pêlo no corpo, quando está malhando, se você suar e não tomar banho de imediato aquilo causa mau cheiro. Por que o suor ele fica nos pêlos, por isso que é bom você estar sempre se depilando, é uma coisa mesmo relacionada à assepsia. Tem uma questão estética também, tem gente que se depila e se acha lindo. Eu me depilo porque acho que é uma questão de assepsia de higiene.

É verdade que todas as justificativas apresentadas levam-nos a questionar onde termina o lado estético e onde começa o lado “asséptico”, já que as questões referentes a essa modalidade estão imbricadas com como os homens vêem suas ações e as classificam. Por esse prisma, pode-se apreender que para os homens aqui em questão a depilação surge como um elemento que faz parte dos procedimentos dos que aderem à prática da malhação. “Sou adepto da depilação. Depilo tudo, pernas, braços, o abdômen; a depilação acaba definindo mais o corpo... Já debaixo do braço tem muito mais a ver



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

com a questão da higiene” (colaborador). Entretanto, alguns interlocutores sustentam que apesar de toda a moda e aderência do público masculino, os homens ainda enfrentam certa resistência e preconceitos. Dentre as justificativas apresentadas, um dos colaboradores destaca a seguinte questão:

Antigamente era só homem que tinha preconceito, primeiro por a gente usar roupa curta... Mas hoje as mulheres também têm, porque a gente que pratica musculação, já partimos pra outras coisas, depilação na perna, no abdômen, nas axilas, a mulher também começa a tirar sarro, porque ela acha que só elas têm direito de fazer depilação na perna, nas axilas... E pra gente isso é fundamental que fazemos treinamento, porque ajuda no nosso condicionamento.

Por outro lado, outra parcela de praticantes ostenta que essas mudanças nos padrões estéticos fazem parte de uma nova exigência do público feminino. Segundo eles, as mulheres compreenderam que para além da musculatura hipertrofiada, o corpo deve ser visto como um conjunto, o qual carece de cuidados como um todo. Nesse sentido, não basta apenas ter uma musculatura hipertrofiada, visto que essa tem que estar em harmonia com o que é apresentado. Em outras palavras, segundo os praticantes, vislumbra-se não apenas o lado estético, mas também o higiênico.

Entretanto, pode-se intuir que mesmo com toda a ênfase no higiênico, o que se observa nas narrativas é a grande valorização de um novo padrão estético em que o cuidado implica em retirar todos os pelos, investir na aparência cuidada em oposição ao natural/selvagem/descuidado que caracterizava o masculino tradicional. Um homem que se distingue pelo investimento nos mínimos cuidados de sua aparência corporal, o equivalente nas camadas populares da figura do metrosssexual. Como sugere um dos interlocutores: “Só mais ou menos pra você ter um perfil: cabelo cortado, sobrancelhas e barba feita, é fundamental. Por que se você tem um corpo bonito, trabalhado, abdômen, peito, braço e perna, o rosto também é outra parte do corpo que deve ser cuidado”.

Ainda em se tratando do conjunto de modificações que tem a retirada dos pêlos como elemento central, destaca-se o fazer as sobrancelhas. Nas visitas feitas dentro e fora das academias me chamou a atenção como os homens de um modo geral aderiram a essa prática. O fazer as sobrancelhas chegou a tal ponto, que hoje os barbeiros (cabeleireiros masculinos) dos bairros populares incorporam essa técnica como mais uma habilidade. Dito de outra forma, se antes iria ao barbeiro para “fazer cabelo e barba”, hoje se acrescenta o fazer sobrancelhas. Essa nova forma de lidar com as sobrancelhas não se sabe ao certo de onde surgiu. Alguns acreditam terem sido



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

impulsionadas pelos cantores de pagode, surgidos a partir dos anos 90 que de modo peculiar mudaram a estética dos homens das classes populares.

Decerto, hoje se observa que os tais grupos investem na performance dos artistas masculinos incrementando elementos e cuidados estéticos para além do que antes se considerava como atributos másculos. É importante destacar que os corpos dos cantores dessas bandas valorizam a imagem externa para além da musculatura apresentada. Em conversas informais feitas dentro desses bairros, notei como as bandas de pagode, sejam elas nacionais ou locais, trazem uma legião de admiradores, tanto do sexo feminino como também masculino. O público que adere a esse tipo de música concebe e ostenta esses cantores como ídolos. E diante de tais afinidades encontradas, os homens, principalmente os mais jovens, buscam imitá-los, de tal modo que reproduzem as roupas, o fazer das sobancelhas, o corte, o uso de gel, tinturas e até mesmo as técnicas de alisamento nos cabelos. Esses procedimentos são apropriados, incorporados e utilizados como elementos, ao mesmo tempo de distinção e inserção no grupo.

O cabelo de vez em quando eu pinto, agora mesmo para carnaval vou pintar, dou alisante. Tenho um amigo que tem um salão de beleza e minha própria esposa que trabalha com essas coisas, dá também. E agora vou jogar o cabelo mais atual do momento, o que todo mundo “tá” jogando, o moicano... Como eu falei sou um homem atual, globalizado, de uma nova geração (colaborador).

Aqui vale refletir as questões levantadas por Figueiredo (2008) em uma pesquisa realizada na cidade de Salvador, com mulheres negras. A autora observa, que – do ponto de vista identitário da militância – o cabelo marca a diferença, com o resgate do cabelo tido como “natural” em negação dos alisamentos e a utilização de produtos químicos. Em outras palavras, a destruição dos padrões de beleza ocidental. Por outro lado, Figueiredo ressalta que para as mulheres entrevistadas, o cabelo também representa um componente das características negras que pode ser manipulado quando desejado. De modo que, o que define o método a ser empregado é o ambiente na qual se vai transitar.

Nesse sentido, a pergunta que se coloca é quais os sentido e significados engendrados para além do lado estético, se é que existem, que estão sendo propagados entre os praticantes de musculação negros dos bairros populares que aderem a essas manipulações capilares?

Não tenho elementos suficientes para tentar desvendar essas transitoriedades dos novos modelos apresentados, nem está no escopo desta pesquisa enveredar pelas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

complexas questões de etnia/raça/cor, mas, por certo, todo o arcabouço apresentado por esses homens está em consonância com os valores étnicos apresentados. Uma vez que, como sinaliza Figueiredo (2008) sendo o cabelo um elemento do fenótipo dos negros que incomoda os brancos, como também uma boa parte dos negros, conseqüentemente ele é considerado o fenótipo mais “feio dos negros”. Nesse sentido, essas manipulações sinalizam novas reflexões no que condizem as identidades étnicas apresentadas. Além disso, podemos intuir que essas novas formas de manipulações, mesmo que não estruturadas, podem ser respostas aos modelos habituais da cabeleira negra masculina. Em outras palavras, como afirma um dos interlocutores: *eu posso ter cabelo louro, liso, pintado, escovado etc. e tal.*

TATUAGEM: VISIBILIDADE & IDENTIDADE

Em se tratando das práticas invasivas mencionadas por Kemp (2005), Le Breton (2003) destaca as tatuagens e os piercings como marcas corporais de grande destaque na atualidade. Considera seus adeptos como primitivos modernos e acentua que para eles, o que essas marcas contam primeiramente é a sua dimensão estética, uma maneira de inscrever metaforicamente na carne os momentos chaves de existência. Chama a atenção que a tatuagem, que, por muito tempo, foi associada à primitividade, a homens pouco civilizados e propensos a todas as formas de delinqüência; hoje, expressa um valor identitário inscrito no próprio âmago da carne, o pertencer do sujeito a um grupo social.

Nesta perspectiva, se por um lado as marcas corporais representam uma infinidade de desenhos circunstanciais, por outro, elas traduzem uma riqueza de significações que ultrapassam a lógica do entendimento estético apresentado. Como pontua Sabino (2004, p. 261) “esta construção identitária, ao mesmo tempo concêntrica e excêntrica, está diretamente relacionada à dimensão visual das interações sociais”. Partindo dessa premissa é que devo argumentar sobre as tatuagens entre os adeptos da musculação dos bairros populares. As narrativas por eles enunciadas trazem elementos bastante relevantes no que diz respeito à dinâmica das relações sociais.

Observa-se no campo apresentado que nas escolhas das imagens a serem tatuadas estão embutidos uma configuração de vários elementos que compõem características especiais dos que aderem ao cultivo dessa prática. De fato, independente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de qualquer coisa os adeptos das camadas populares também aderem ao uso por razões estéticas. Nesse sentido, como observa Sabino (2004) à tatuagem surge como mais um produto de consumo efêmero e fugaz, a mercê dos modelos das interpretações das sociedades contemporâneas, haja vista que, em muitas situações, com o passar dos anos, ganham novos significados. Em se tratando dos entrevistados, vale ressaltar que a valorização da epiderme tatuada se acentua à medida em que a musculatura torna-se avantajada, isso a se constituir como um elemento fundamental para a escolha do local a ser tatuado. Vejamos o que diz Miguel:

Vejo a tatuagem mais como um desenho... Entendeu? Pra demonstrar totalmente o que nós temos que é o corpo perfeito... Eu comecei a fazer depois da malhação, porque demonstrava meu corpo como se fosse um painel, com ondulações curvas, com a tatuagem iria ressaltar mais, minha primeira tatuagem foi no peito, porque eu tinha uma caixa peitoral grande aí depois fiz na lateral do abdômen, fui expandido pro braço, agora fiz nas costas, porque minha costa tá larga...

Dessa forma, como sugere Miguel, as tatuagens também se instauram como mais um elemento de adorno da pessoa, de modo que “a superfície da pele realça o que ela reveste e que constitui o objeto de todo o trabalho nestas instituições: o músculo” (SABINO, 2004, p. 258). Entretanto, assim como nas camadas médias urbanas analisadas por Sabino, nas classes populares, os sentidos que as figuras remetem refletem os ideais que os indivíduos valorizam na vida social. Aqui tomo a experiência do colaborador Denis para melhor contextualizar. Denis, admirador das tatuagens, revela que apesar de hoje em dia ter virado moda, desde a infância sempre se sentiu atraído por essas marcas corporais, de modo que a demora na execução tem a ver com questões de ordem familiar, e justifica:

Tatuagem hoje em dia, não vou dizer que virou moda, mas eu fiz tatuagem porque eu sempre tive vontade de fazer tatuagem, minha mãe não deixava por que eu era “de menor”. Ela sempre dizia: ‘quando você tiver a sua vida independente você pode fazer o que quiser com o seu corpo, mas enquanto você tiver comigo aqui você só vai fazer tatuagem quando você estiver de maior’

Nessas narrativas pode-se apreender que, mesmo com toda a efervescência atual do culto as tatuagens, ainda nos bairros populares, elas também, constituem-se como um distintivo negativo, sendo mais evidente entre as pessoas que possuem idade mais avançada. Diante de tal fato, a tatuagem é bastante comum entre os praticantes de musculação veteranos – aqui intitulados de “malhados” e pouco verificada entre os praticantes iniciantes. Isso, como supramencionado, deve-se a faixa etária, a não autonomia, ao preconceito ainda existente, como também a ausência de musculatura



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

hipertrofiada. Em entrevistas realizadas com os praticantes de musculação, sejam eles veteranos ou iniciantes, em se tratando de tatuagem, o desejo muitas vezes submerge diante do estigma das marcas impressas no corpo, como refletem as narrativas abaixo:

Tatuagem? Adoro, tô louco para colocar uma, mas tô me segurando porque mesmo eu morando só tenho que dar satisfação a algumas pessoas... Hoje eu poderia tatuar nas costas porque acho um local de boa visibilidade e porque as pessoas acham que eu tenho uma costa bonita parece uma anaconda, mas ainda não dá.

Ainda em relação ao preconceito, outro adepto acentua:

Porque nem sempre você vai chegar a um lugar e agradar a todos, sempre tem alguma pessoa que não vai gostar de alguma coisa em você, principalmente tatuagem que daqui a alguns anos vai ser normal, vai ser estranho é quem não tem.

Por outro lado, diferente dos praticantes veteranos de classe média, que tatuam no seu corpo sinais característicos de superioridade e poder hierárquicos tão característicos desta classe (SABINO, 2004), os tidos como malhados/veteranos dos bairros populares preferem desenhos “tribais”², assim como frases ou palavras que possuam um grande significado de cunho pessoal, em destaque nome dos familiares, essas a se constituírem como uma forma de reconhecimento afetivo e de pertença social.

Para Samis, um dos interlocutores, as tatuagens representam um ornamento impresso no corpo, que para além do estético representam relações afetivas como também de demonstração de ego. Como proprietário de academia, adverte que as tatuagens estão cada vez mais se instituindo para além de um adorno incorporado acima dos músculos, visto que estas transmitem mensagens que sobrepõem o lado estético. Nas suas observações chama a atenção para as escolhas dos adeptos frequentadores de academia. Ressalta que nos últimos anos há uma mudança significativa nos desenhos impressos e acentua que hoje surge de forma inusitada o crescimento de pessoas que tatuam o próprio nome no corpo.

Como justificativas para toda essa mudança expõe que, por serem as “tribais” um desenho com riquezas de detalhes, nenhuma tatuagem se torna igual à outra, isso legitimando a sua procura. Já no que diz a respeito dos que tatuam o próprio nome na pele, ele tem como justificativa o excesso de ego que o campo da musculação apresenta. Para ele as pessoas que malham, cuidam muitas vezes mais da *saúde externa* e esquecem-se de cuidar *da saúde interna*, por esta razão os egos ficam aflorados, e em

² A tatuagem tribal é conhecida como uma tatuagem com ou sem significados, mas que faz alusão a tatuagens de tribos antigas, contornada e pintada com tinta preta.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

conseqüência disso tatuam o próprio nome no corpo, e conclui: “sabe o que isto se chama? Egocentrismo meu amigo, o cara só consegue enxergar ele mesmo”. Nesse sentido como acentua Lach apud Costa (1994), essa posição narcísica possui um caráter duvidoso, pois ao mesmo tempo que tenta de forma hábil administrar as impressões e admiração que transmite aos outros, desdenha daqueles a quem manipula para obtê-la. De modo que, julgam-se grandiosos e possuem necessidades de admiração e aprovação das outras pessoas em excesso.

Nesta ocasião vale ressaltar os significados atribuídos por Samis para as tatuagens no seu corpo. Sua primeira tatuagem foi feita aos 18 anos. Inicialmente tatuou um leão que após arrependimento foi transformado em uma “tribal”. O arrependimento aqui foi não ter procurado um profissional especializado, e, em conseqüência disso, a qualidade da tatuagem não o agradou, entretanto, mesmo confessando ter agido pela emoção, voltou a tatuar outro leão. Diz ter bastante admiração pela figura desse animal, que na sua concepção representa força, poder e um status de rei. Todavia, Samis não esconde o verdadeiro fascínio pelas suas tatuagens atuais, as palavras: *Deus* (no antebraço direito), *Família* (no antebraço esquerdo) e *Jesus* (nas costas). Ao indagar sobre o significado, descreve de forma bastante emocionada:

Porque pra mim são as 3 bases: Deus é o primeiro plano sempre; a família sem ela você não consegue nada, as pessoas que são abandonadas por suas famílias graças a Deus elas ficam bem quando encontra outras famílias. Deus é base, família é base; Jesus cristo pra mim é o caminho, botei nas costas porque é muito mais forte né, porque quando as pessoas lerem podem até prejulgar... É até proposital né. Uma pessoa pode dizer assim: ‘vai lá um cara malhado e tatuado’. Prejulga... Quando eu der as costas ele vai ler essa palavra. Essa palavra pra mim meu amigo muda toda uma conexão e uma intenção, as pessoas quando lêem, é impressionante muda toda a impressão, tudo muda, os conceitos... Tudo muda.

Para Samis a tatuagem é uma maneira de se expressar no mundo, fala do que o coração está repleto, expressa realmente o que as pessoas sentem. Para ele a palavra *família* tem um significado especial por que resume todo o sentimento e afeto pelos seus entes queridos. E diz: “Uma coisa interessante quando você tem dois senhores, você pode agradar um e desagradar outro né. Você pode agradar todo mundo em uma palavra só”.

Aqui chama a atenção à necessidade que Samis tem de ostentar no próprio corpo sua filiação religiosa e os valores pessoais. Não basta ter Jesus no coração. É preciso inscrevê-lo no corpo. Acredito ser uma necessidade de exteriorizar a sua subjetividade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

tornando-a aparente no corpo. Em outras palavras, os valores que pautam sua vida subjetiva estão inscritos na superfície de seu corpo para serem imediatamente identificados por qualquer pessoa. Como diz Le Breton (2003), trata-se de um esforço constante de exteriorizar a sua subjetividade, pois o corpo tem que demonstrar aquilo que se é interiormente.

Entretanto, ressalta que a tatuagem, assim como os filhos, é irreversível, algo que você faz e marca pelo resto da vida, por isso se deve ter cautela na escolha do desenho, onde e como colocar, pois como ressalta Sabino (2004, p.273): “as tatuagens buscam eternizar um instante da vida (circunstâncias), um momento, uma data, uma relação através da fixação na pele de um nome ou mesmo um texto com supostos poderes mágico-protetores”.

Diante de tais narrativas, a ação de marcar o corpo não está aqui diretamente relacionada a um ato de rebeldia, de transgressão ou mesmo de um inconformismo, elementos comuns quando se trata de uma juventude que quer romper com as convenções somáticas (FERREIRA, 2007). Ao contrário, aparece como um ato de se situar no mundo e externalizar os enunciados internos apresentados. Nesse sentido: “marcar extensivamente o corpo configura, assim, uma tomada de posse sobre a construção da sua identidade e biografia pessoal, celebrando de forma simbólica, perante si próprio e os outros, o poder de (auto)determinação e (auto)controle sobre a sua própria ação (FERREIRA, 2007, p. 304).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não tenho como proposta esgotar a discussão sobre a temática apresentada, até porque todo estudo de cunho antropológico pressupõe visões e olhares distintos sobre o mesmo objeto, visto que a vida social é dinâmica e se constitui no emaranhado de suposições e questionamentos. Como qualquer trabalho científico, lacunas serão deixadas e novas questões instigadas.

Considerações a parte, para concluir, observo uma diferença bastante peculiar entre o movimento das modificações corporais apresentadas. Se por um lado as invasivas adotadas como a tatuagem trazem elementos de grandes significados de cunho pessoal, as não-invasivas me parecem estar mais relacionadas a um movimento coletivo. Não quero aqui dizer que as tatuagens em si não representem características grupais, mas sim levantar reflexões sobre as marcas deixadas no corpo. Essas remetem, na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

maioria das vezes, a momentos marcantes nas vidas das pessoas ou representam um valor simbólico que ultrapassa as relações grupais em um esforço de individuação. Decerto que todos esses questionamentos diferem de grupo para grupo, mas observo no que diz respeito as tatuagens que há um fio condutor que entrelaça as relações corpo/indivíduo.

Ainda que os elementos destacados ofereçam pistas para uma nova concepção de cuidados com o corpo, devo argumentar que de fato todas as mudanças apresentadas fazem parte de uma nova postura de ser homem na contemporaneidade e abrem novas reflexões para além da chamada crise masculina. Como sintetiza um colaborador:

A cada momento que você vai modificando seu corpo, você vai totalmente idealizando alguma coisa que acha que em você vai ficar bonito que vai combinar com aquele modelo de jeito que você estava fazendo o seu corpo ficar... Tem época que eu deixo o cabelo baixo, tem época que eu deixo crescer e boto luzes, pra combinar com a minha estrutura. É como eu te disse o corpo da gente é como se fosse uma moldura, ele tá apto a se modificar de diferentes formas não só no cabelo, mas também na roupa.

Em vista das questões que foram apresentadas acima, para os homens que estão inseridos neste campo, essas mudanças sejam elas corporais ou comportamentais fazem parte do que é apresentado no conjunto de mudanças de cunho sociocultural no contexto atual. De modo que o ser homem ultrapassa as questões evidenciadas nas atitudes sociais, pois estas estão imbricadas nas subjetividades das masculinidades aqui apresentadas. Como argumenta um dos interlocutores:

Eu sou um homem globalizado... O homem atual é aquele que se cuida, faz sobrancelha, usa brinco, bota tatuagem. Comecei a fazer essas coisas depois que eu comecei a malhar, mas sempre achava bonito, via as pessoas fazendo ai eu comecei a copiar também. Acho que não tem nada a ver com a musculação... É uma coisa que você achou bonito e começa a fazer. No tempo dos homens antigos não podia fazer isso, imagine na ditadura militar? Não vou longe não, imagine no tempo dos nossos pais mesmo? De um tempo pra cá o mundo mudou... Já sofri preconceito de homem com idade mais avançada que a minha, porque homem é conspirador. Porque a gente faz sobrancelhas, desenha cavanhaque, coloca brinco, ai, eles ficam dizendo: "ah! Você não é homem não, é frutinha." Na verdade o mundo de hoje tá assim, pra qualquer lugar que você vá você ver um homem da minha idade (23) com o cabelo arrumado, com a sobrancelha feita, barba feita, se tiver muito pêlo ele se depila. Isso não é questão de ser marica, ele tá procurando o melhor para ele, se achar bonito e as mulheres de hoje em dia acham também, independente que os outros homens achem ou não (colaborador).

Em suma, mudanças nos padrões de beleza são visivelmente notados entre os homens nos bairros populares independente de adotarem ou não a prática da musculação. A incorporação dessas novas técnicas e as especificidades dos homens gerirem suas masculinidades, em muitas situações, parece estar diretamente conectada a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

imitação dos homens bem sucedidos representantes da cultura consumida por eles. Vale salientar que em Salvador, outros elementos são incorporados como a sensualidade e a erotização exacerbada dos corpos. Entretanto, deve-se contextualizar que essas modificações trazem elementos paradoxais; se por um lado se observa novas formas de ritualização e percepção dos seus corpos, por outro esses modelos podem estar em conformidade com os arquétipos da cultura dominante branca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale. Corpo presente: Antropologia do corpo e da incorporação. **Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo.** _____ (organizador), Lisboa: Celta editora, 1996, p. 1-22.

_____. **Senhores de Si:** Uma Interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim do Século, 2000.

BECKER, Howard Saul. **Uma teoria da ação coletiva.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

BEIRAS, Adriano; ET Al. Gênero e super-heróis: O traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia & Sociedade**, n.19(3), 2007, p.62-67.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**, trad. Maria Helena Kuhner. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O poder Simbólico**, Tradução Fernando Tomaz, 11ª Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, cap. I, III e VI 2007.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**, trad. Regina A. Machado. São Paulo: Paz e Terra, 3º Ed., 2004.

CONNEL, R.W., Understanding men: gender sociology and the new international research on masculinities, **Social Thought & Research**, 2002, Vol.24, p. 13-31.

_____. **La organización social de la masculinidad.** Disponível em: <http://www.hombresigualdad.com/organizaci%C3%B3n_social_masculinidad.pdf>. Acesso em: 10 de outubro 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo:** as mutações do olhar. O século XX, vol. 3, 2º Ed., Editora Vozes, 2008, p. 07-12.

_____. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo:**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.39-48.

FERREIRA, Vitor S. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. **Etnográfica**, novembro de 2007, 11 (2), p. 291-326.

FIGUEIREDO, Ângela. Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil, In SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araujo (org.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**, 2ªed., Salvador: Associação Brasileira de Antropologia/ EDUFBA, 2008, p. 237-255.

GARCIA, Wilton. **Corpo, Mídia e Representação: estudos contemporâneos**, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. O macho em crise: Um tema em debate dentro e fora da academia. In._____. **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**, Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 13-59.

_____; RAMOS, M. S. A civilização das formas: O corpo como valor. In: _____ **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.19-41

IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos e ORLEANS, Roberto Ghignone de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cad. Saúde Pública**, 2009, vol.25, n.4, p. 773-782.

IRIART, J., ANDRADE, T. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro de Salvador, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro: set.-out. 2002, p. 1379-87.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado, corpo livre?**, São Paulo: Paulus, 2005.

LE BRETON, David. **A sociologia do Corpo**. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade**, trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MALYSSE, S. Em busca do corpo Ideal. **Revista Sexualidade, Gênero e Sociedade**, n. 7 e 8, Rio de Janeiro, 1998, p.12-17.

_____. **Diário Acadêmico**, trad. Vera Lucia Vieira. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.



_____. Em busca dos (H) alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca, *In: GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002, p.79-137.*

MARASANO-PARISOLI, Maria Michela. Corpo, Enfermidade e Medicina. trad. Lúcia M. Endlich Orth. *In: **Pensar o Corpo.** Petrópolis: Vozes, 2004, p.23-63.*

MAUS, Marcel. **Sociologia e antropologia**, com uma introdução à obra de Marcel Maus, de Claude Lévi-Strauss, trad. Mauro W. B. de Almeida, São Paulo: EPU, vol. 2, 1974.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: Identidades somáticas e marcas corporais, *In: ALMEIDA, Maria I. M.; EUGÊNIO, Fernanda (org.) **Culturas jovens: Novos mapas do afeto,** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, p. 42-58.*

PINHO, Osmundo Araujo. Etnografias do *brau*: corpo, masculinidade e raça na reafrikanização em Salvador, **Estudos Feministas**, Florianópolis, janeiro-abril/2005, 13(1): 127-145.

SABINO, César. Anabolizantes: Drogas de Apolo. *In: GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002. p.139-188.*

_____. **O Peso da Forma. Cotidiano e Uso de Drogas entre Fisiculturistas.** Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2004.

WACQUANT, Loic. Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, Oto. 2000.

_____. **Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**, trad. Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Resumé Dumará. 2002.

_____. **As duas faces do gueto.** Trad. Paulo Cezar Castanheira, São Paulo: Boitempo, 2008.